



Muito boa tarde, eu cheguei atrasada, peço imensa desculpa, mas creio que houve grande desastre na Avenida da República, o trânsito leva uma hora a percorrer uma distância de 10 minutos.

~~Nós, nesta sessão de hoje à tarde,~~ Temos como intervenientes o Professor Daniel Serrão e o Professor João Santos Lucas. O Professor Nuno Grande, que estava indicado no programa infelizmente não pode estar presente por razões ~~de~~ <sup>de</sup> sua saúde, ~~peço-lhe~~. Temos muita pena que isso aconteça.

Eu vou apenas <sup>esboçar</sup> fazer o enquadramento ~~do meu ponto de vista~~ <sup>antes da temática desta sessão.</sup> face ao que ~~(foi dito esta manhã)~~ e Face ao tema geral deste colóquio. <sup>no seguimento do que</sup> ~~(Apenas duas ou três questões)~~ <sup>preliminares,</sup> sabendo já ~~antecipadamente~~ <sup>que</sup> que os meus dois companheiros de mesa vão entrar ~~de~~ <sup>de</sup> uma forma muito mais profunda ~~naquilo~~ <sup>na</sup> que ~~é a~~ temática especial ~~de hoje,~~ ou deste painel.

Um primeiro conjunto de questões decorre do que se ~~em primeiro lugar,~~ <sup>disse</sup> falou-se ~~muito~~ <sup>sobre</sup> esta manhã ~~na~~ <sup>a</sup> relação de subordinação. Eu creio que essa "relação de subordinação" na relação médico-doente nos reenvia para a sociedade em geral, ~~na~~ <sup>especificamente,</sup> sociedade portuguesa reenvia-nos ~~(para a relação entre~~ aqueles que sabem, (num domínio técnico-científico dado) e todos os outros que não sabem. ~~Isto tem que ver com a~~ <sup>Esta questão não é dissociável</sup> própria ideia de cidadania ~~Há uma passagem~~ <sup>e é sua concretização</sup> ~~da~~ <sup>Na</sup> relação feudal e autoritária ~~em que a "cidadania" era definida,~~ não era sequer definida, ~~o que se usava para designar o estatuto~~

~~equivocado~~  
do cidadão ~~era~~ o estatuto <sup>de cada pessoa era o</sup> de súbdito, aquele que promete fidelidade a alguém <sup>ou em alguém</sup> e está sujeito <sup>para</sup> a uma relação democrática ~~em que~~ a cidadania está <sup>na liberdade e</sup> agente <sup>na</sup> igualdade de direitos.

<sup>Ora</sup> ~~Ora~~ no momento em que começa uma desfazagem <sup>na relação de</sup> de um poder, ~~ou~~ <sup>de se manifesta a</sup> uma subordinação dos que não sabem, ao pequeno grupo dos que sabem, <sup>dentro de</sup> em qualquer domínio, nomeadamente neste que é objecto do nosso estudo, põe-se <sup>necessariamente</sup> a questão; será que a relação de igualdade, <sup>comprova a</sup> será ~~que~~ a democracia <sup>é considerada</sup> está verdadeiramente implantada? <sup>então</sup> ou ~~se~~ regressará <sup>a</sup> relação feudal?

<sup>uma outra reflexão</sup> ~~segunda~~, <sup>ainda</sup> que se situa no mesmo quadro <sup>das relações na sociedade.</sup> e ~~dar-nos conta de~~ que as diferenças sociais entre as ~~persoas se~~ processaram ~~se~~ primeiro <sup>ao nível da</sup> entre, onde ~~e como~~ as pessoas nasciam (o prestígio devido ao nascimento); depois <sup>anexiam no</sup> o prestígio devido ao ter dinheiro ou bens; o prestígio ~~em~~ hoje, <sup>destoion-se em gde parte para o</sup> o prestígio devido ao saber, e sobretudo <sup>para o</sup> ao saber fazer. ~~Podemos~~ perguntar-nos <sup>quando e que,</sup> se, numa sociedade dada, e no caso concreto, se o corpo de saúde pertence ou não ao grupo dos técnicos que <sup>tenderiam a</sup> formar <sup>a</sup> uma nova aristocracia, subvertendo <sup>essencial a democracia social.</sup> uma situação de igualdade ~~da sociedade~~. Isto seria o primeiro conjunto de interrogações.

<sup>Um</sup> ~~o~~ segundo conjunto <sup>de respeito</sup> é ~~muito mais difícil de formular~~, e tem ~~que ver~~, na minha perspectiva, ~~como~~ lugar do sagrado ~~de~~ uma sociedade. Todas as sociedades tendem a <sup>concentrar</sup> afunilar os seus



fantasmas e os seus receios ~~para~~ numa solução mágica dos problemas. É a chamada consciência "transitiva" que pensa que para cada causa há um efeito, ~~e~~ que há ~~apenas~~ uma relação <sup>biunívoca</sup> biunívoca e perfeita entre os fenómenos que se dão na sociedade. ~~Ora~~ <sup>Verifica-se que a</sup> nessa sociedade, que vai procurar esse sagrado mágico, é ao mesmo tempo <sup>(e paradoxalmente)</sup> uma sociedade em que o verdadeiro espírito religioso, que ~~se transcende a si próprio e que~~ <sup>deve</sup> ~~ser~~ vive numa relação mística com o transcendente, ~~está~~ <sup>é</sup> abafado, ~~e~~ <sup>negado, vilipendiado,</sup> ~~praticamente não existente.~~

Haveria ~~muitas~~ razões de ordem histórica para mostrar que na sociedade portuguesa, apesar de alguns ~~epif~~epifenómenos

*mas o sentido do sagrado que se manifesta na causalidade simples da magia.*

## Fundação Cuidar o Futuro

Ora ~~essa sociedade em que há o lugar do sagrado~~ <sup>que</sup> substituindo o verdadeiro sentido religioso, leva também a endeusar, ~~a~~ <sup>aparecem como detendo um poder "mágico"</sup> ~~sacralizar~~ determinados indivíduos que ~~participam do~~ <sup>por isso,</sup> ~~sagrado,~~ que têm, <sup>ao</sup> um estatuto diferente que ~~se~~ <sup>aos olhos dos que "não sabem" os</sup> aproxima do altar, <sup>|| Como se expressam no ||</sup> ~~que estão no santo dos santos,~~ ~~no altar e tudo aquilo que concede prestígio,~~ portanto aquilo que disse no primeiro grupo tem alguma coisa que ver, <sup>Daí a interrogação sobre o</sup> ~~o que nos pode levar a~~ perguntar qual é o lugar ~~então~~ <sup>ao</sup> de acessibilidade de conhecimento numa sociedade desse tipo.

*não é apenas o fanatismo do país de despoço democráticos.*

Quando ~~falo~~ neste lugar do sagrado, ~~é~~ <sup>E'</sup> evidente que não posso deixar de dizer que ~~ele~~ existe em todas as sociedades, <sup>por razões</sup> ~~que dizem respeito as expectativas humanas,~~ existe em todas as sociedades porque? Porque ~~a~~ estrutura



psíquica de todos nós contém uma expectativa permanente face ao "sujeito suposto saber" (~~o famoso SSS~~) Isto é, ~~nós~~ todos

temos medos arcaicos, angústias ~~arcaicas~~ fundamentais, ~~que se~~ <sup>urge como "abandonais" na área de o medo e a angústia dizem respeito.</sup> perante alguém que ~~face a um determinado ramo, e sobretudo~~

<sup>explicitam</sup> Na medicina, área onde se joga o problema da vida e da morte, ~~nós~~ temos necessidade de investir esse alguém, <sup>com</sup> ~~justamente~~ da

totalidade do saber, para que o absurdo da nossa ignorância e da nossa condição mortal fique, de alguma maneira,

<sup>reabsorvido</sup> ~~resolvido~~ numa <sup>implosão.</sup> ~~implosão~~. Que ~~julgo~~ ~~que~~ a perturbação da

saúde <sup>individual</sup> ~~põe a nú~~, numa <sup>espécie de</sup> radiografia do espírito, essa procura, esse pedido que é feito pelo doente ao médico. ~~E no fundo,~~

(Hoje de manhã o Professor Falcão de Freitas falava das

muitas pessoas que acabam por não estar doentes mas vão ao

médico, <sup>Na perspectiva q' estou a colocar,</sup> ~~e deste ponto de vista~~, esses pseudo-doentes ou verdadeiros doentes, ~~não sei~~, vão pedir ao médico a

resolução da sua angústia fundamental, e da sua revolta e do seu medo perante o absurdo da vida.)

Por que digo "absurdo"?

Numa sociedade que ~~desvicia~~ apenas <sup>a imagem de</sup> uma ~~satisfação~~, um mundo <sup>h</sup> ~~hedonista~~, onde tudo é perfeito, onde tudo é satisfação

do prazer, onde não há pessoas com mais de 25 anos, e ~~esses~~

~~já são um pouco velhos~~, onde não há ninguém que sofra de

deformidades, onde tudo é o "sucesso", e onde as pessoas se definem pelo "sucesso", <sup>numa tal sociedade</sup> ~~é evidente que nesse contexto~~ tudo o

que é ressentido como fracasso, como um muro perante o qual

a pessoa é obrigada a parar, <sup>toma as proporções e significa um</sup> ~~é realmente uma~~ erupção tremenda

do absurdo da vida, ~~que é uma realidade perante a qual nós~~

~~estamos~~. Por isso ~~mesmo~~ o médico é investido, (como <sup>o</sup> são outras <sup>técnicos</sup> ~~peças~~ noutras circunstâncias), ~~é investido~~ dessa expectativa e desse pedido de ser o sujeito que é suposto saber, e por isso ~~mesmo~~ se lhe pergunta, <sup>o sentido da q. acontece.</sup> ~~então retomando o~~  
<sup>Como</sup> ~~que~~ o Professor Renault dizia esta manhã, ~~como pode~~ o médico <sup>vai</sup> escutar um "corpo vivido". Não ~~vai apenas~~ escutar e não vai apenas ver se respira bem ou mal, mas vai escutar esse <sup>o que aí se</sup> ~~corpo~~ <sup>formula sem palavras.</sup> ~~vivido~~. É <sup>o</sup> corpo vivido diz<sup>o</sup>, antes de mais, a angústia fundamental face ao absurdo, e ~~face ao absurdo que é a~~ morte.

~~E parece-me ainda que~~ neste contexto será importante <sup>discutir</sup> ~~saber~~ como <sup>se podem</sup> ~~é que~~ <sup>de um lado,</sup> é possível separar as águas entre o que é sagrado e o que é religioso, entre o que é um absurdo normal, e aquilo que pode ser já uma patologia da própria angústia. <sup>de outro lado.</sup>  
É evidente que este <sup>o</sup> carácter sagrado é acentuado pelo segredo que muitas vezes rodeia o saber. Mesmo <sup>factos e ideias</sup> coisas que toda a gente sabe, e não digo do domínio da medicina, mas do domínio corrente, são guardadas em segredo, <sup>como se fossem propriedade exclusiva de</sup> para <sup>nao</sup> meia dúzia de pessoas só <sup>é</sup> que <sup>é</sup> suposta saber, <sup>perquê?</sup> Porque <sup>o</sup> segredo afirma e solidifica o poder, <sup>(em outro domínio:</sup> quando o argumento "segredo de Estado" é invocado, isso não é senão, <sup>muitas vezes</sup> nos tempos que correm, e na actualidade, não é senão uma forma de consolidar e de afirmar um poder mais forte.) Isto é, evidentemente, ~~o paralelo entre a vida política e o exercício de qualquer actividade, nomeadamente a relação médico-doente, é clara.~~



~~outros aspectos a fazer que~~  
Haveria ainda ~~outras coisas a dizer e apenas inunção;~~ <sup>uma</sup> ~~delas~~ <sup>haveria ainda a fazer</sup> Na sequência do que foi dito esta manhã, a circulação de informação entre médico e doente; a dificuldade nessa circulação decorre num ~~diagnóstico~~ de uma sociedade que não dialoga. ~~No~~ <sup>porque não</sup> ~~nosso~~ caso ~~nós~~ podemos ver que vivemos numa sociedade que faz comunicados, que faz declarações, <sup>mas</sup> não dialoga, não conversa, e, quando aparentemente está numa situação de diálogo, discute dogmaticamente, ideologicamente, ~~ou~~ na base de ideias pre-concebidas.

~~Eu creio que um dos factos que hoje esteve muito claro esta~~  
~~manhã, no reconhecimento que todos tivemos num discurso~~  
~~diferente no Professor Renault, foi um elemento de~~  
~~objectividade que nós normalmente enquanto portugueses e~~  
~~noutro aspecto isso é uma riqueza da nossa cultura, podemos~~  
~~não ter, porque tudo o que em nós é tentativa de~~  
~~objectividade vem cercado, e vem carregado de uma tal~~  
~~subjectividade que toda a discussão, ou que todo o diálogo é~~  
~~necessariamente discussão e confronto de pontos de vista~~  
~~opostos. Também aí <sup>Vai</sup> ~~vallá~~ a pena, mesmo para todos aqueles~~  
~~que já não são marxistas, <sup>ou</sup> ~~que não são marxistas~~ e que nunca~~  
~~foram, <sup>reafirmar</sup> ~~pensarem~~ que a solução dos problemas pelo conflito é~~  
~~uma noção filosoficamente ultrapassada. E por outro lado que~~  
~~a noção de diálogo num sentido <sup>no seu sentido</sup> ~~propriamente~~ <sup>de diálogo</sup> etimológico é~~  
~~realmente o conhecimento através de, é o 'logos' através de.~~ <sup>Ora</sup>  
~~esse diálogo evidentemente é incompatível com uma informação~~  
~~que se possui numa sociedade quando <sup>que se reduz a</sup> ~~ela é toda~~ anecdótica,~~



feitas dos episódios, dos pequenos "faits divers" da vida quotidiana, <sup>e que</sup> impede uma atitude reflexiva face aos grandes acontecimentos.

E ~~penso finalmente~~, <sup>um último</sup> ~~um quarto~~ ponto que <sup>tem</sup> ~~está~~ muito presente na temática de hoje, ~~é que~~ vivemos numa sociedade em que a equação direitos-e-deveres não está formulada para além do que está escrito na Constituição. ~~Isto é~~, os direitos ~~em~~ primeiro lugar são desconhecidos, <sup>De fato</sup> ~~quando existem ou~~ quando há um conhecimento deles <sup>a percepção corrente refere-se a expressões</sup> são ~~todos~~ quantitativos, monetarizáveis; e ~~portanto remetem para a quantidade~~, para o acesso permanente <sup>ao</sup> ~~de~~ médico, para a quantidade de remédios que são dados ao doente como sinal de que realmente houve interesse e que se vai curar, etc. ~~E os deveres obviamente não são explícitos, não estão indicados como fundamento do próprio direito. Não sabemos se podemos definir o ser humano em primeiro lugar pelos seus direitos ou pelos seus deveres, de qualquer modo é uma equação que estabelece a sua situação perante a sociedade e perante todos os próprios constituintes. Julgo que valia a pena analisar,~~ <sup>No contexto da relação médico-doente a harmonia dos dois termos é m<sup>to</sup> importante.</sup>

~~Este é~~ <sup>o quadro</sup> ~~que me parece~~ <sup>talvez demasiado</sup> ~~e mais remoto~~ em termos sociais; ~~face aquilo que estamos a discutir neste seminário, e por isso mesmo vou passar a palavra~~ <sup>que dev</sup> ~~aos novos~~ <sup>conferentes.</sup>